



CAMERON LUND

“OS FÃS DE
MEG CABOT
E JENNY HAN
VÃO ADORAR”

O plano
perfeito para
dar errado

CAMERON LUND

O PLANO
PERFEITO
PARA PARA
DAR ERRADO

Tradução

Carlos Szlak

 FARO
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2020 BY CAMERON LUND
PUBLISHED IN AGREEMENT WITH THE AUTHOR, C/O BAROR
INTERNATIONAL, INC., ARMONK, NEW YORK, U.S.A.**

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **VALQUIRIA DELLA POZZA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **NADIA GRAPES | SHUTTERSTOCK**

Imagens internas **NADIA GRAPES, SOULGIE, ISAXAR, EDGARDO ARIEL**

RODRIGUEZ, GOODSTUDIO, JULIA LEMBA, RVECTOR | SHUTTERSTOCK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lund, Cameron

O plano perfeito para dar errado / Cameron Lund ;
tradução de Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial,
2020.

304 p.

ISBN 978-65-86041-44-6

Título original: The best laid plans

I. Ficção norte-americana I. Título II. Szlak, Carlos

20-3561

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br



CAPÍTULO 1

AO ABRIR A PORTA, A PRIMEIRA COISA QUE VEJO É O TRASEIRO DE Chase Brosner. Então, noto a garota na cama com as mãos segurando as costas dele. Ao ver suas unhas, sei que é Danielle. Eu estava ao seu lado quando ela as pintou de *preto*. “Para combinar com o meu coração”, Danielle disse.

Eles estão totalmente emaranhados na cama dos *pais* de Andrew, e eu não consigo me mexer. Minha mão fica paralisada na maçaneta. Não era o que eu esperava quando subi a escada, tentando escapar de todas as pessoas que nem se lembram de que é o meu aniversário e que só vieram a esta festa estúpida porque sabem que os pais de Andrew estão fora e há cerveja grátis. Mas agora, enquanto assimilo a imagem da bunda de Chase e das unhas de Danielle cravadas na pele dele, com o cabelo escuro dela espalhado no travesseiro, percebo que isso é muito pior do que a festa.

Danielle precisa de apenas três segundos para notar minha presença — ainda que pareçam três mil —, e então ela grita. Também grito e deixo cair o meu copo de plástico. A cerveja respinga nos meus pés. Nós nos encaramos, ao mesmo tempo que ela se mexe para pegar o lençol e puxá-lo para se cobrir. Chase cai no chão, enrolando-se no edredom como se fosse um burrito humano.

— Sinto muito. — Eu me curvo para pegar o meu copo e limpo o que posso do chão com a manga do moletom. — Não sabia que havia alguém.

— Sai! — Danielle ordena.

Eu obedeco, fechando a porta atrás de mim.

Sei que parece loucura, mas ali, piscando do outro lado da porta, tudo em que consigo pensar é: e se aquele for oficialmente o primeiro e último traseiro masculino que verei pelo resto da vida? Quando fecho os olhos, ainda posso vê-lo, branco e luminoso, como quando olhamos para o sol por muito tempo. Tenho medo de que fique gravado na minha memória para sempre. Não acho que seja uma bunda feia, mas não conheço outra para comparar. É simplesmente a bunda de um sujeito de quem eu nem sequer gosto; um tipo que conta piadas idiotas sobre seus peidos, que é fissurado por basquete e tem uma obsessão doentia pela palavra “cara”. Mas com certeza não há outros homens nus em meu horizonte, não do jeito como as coisas têm rolado no colégio até aqui.

Ainda estou no mesmo lugar quando a porta se abre e Chase e Danielle saem do quarto, terminando de se vestir. Contraio-me ao ver Chase fechar o zíper da calça.

— Keely — Danielle diz, com a voz ofegante. Seus braços enlaçam o bíceps dele, e eu posso sentir o cheiro doce do perfume dela. Seu rosto está todo borrado de batom, e seu cabelo escuro bagunçado como uma cama desfeita. Preciso parar de pensar em camas bagunçadas. Eca!

— Ei, cara! — Chase ergue o braço para me cumprimentar com um soquinho, mas logo o baixa de novo, possivelmente lembrando que não sou, de fato, um cara. Um erro comum.

— Sinto muito — volto a dizer, e me afasto um pouco deles.

— Tudo bem. — Chase dá de ombros, como se não fosse nada de mais.

— Na verdade, podemos conversar? — Danielle aponta o banheiro do corredor à minha esquerda com um movimento de cabeça. — Sozinhas?

— Claro — respondo, mas sinto um aperto no peito.

Para todo mundo, parece que Danielle e eu somos amigas; o que, segundo as regras do colégio, acho que somos. Estamos na mesma turma e sentamos à mesma mesa de almoço, mas, na verdade, nunca conversamos. Parece que as coisas mudam quando você, sem querer, vê alguém pelado.

— Te encontro lá embaixo — Chase diz a Danielle, e a beija de um modo que me faz sentir desconfortável, com a mão bem do lado do peito dela, prestes a apertá-lo.

Ela solta uma risadinha, e ele começa a se afastar, acenando com a cabeça para mim.

— Até mais, Keely. — Chase se move em direção à escada, e eu sinto o cheiro de cerveja quando ele passa por mim.

Assim que Chase desaparece, Danielle me puxa para o banheiro, fecha a porta e a tranca, depois se vira para o espelho, falando comigo enquanto se examina. Não a condeno; se eu me parecesse com Danielle Oliver, provavelmente também ficaria me olhando o tempo todo. Sua pele clara é como porcelana, suas maçãs do rosto perfeitas, e seus grandes olhos castanhos são puxadinhos para cima nos cantos externos como os de um gato.

— Promete que não vai contar?

— Não vou contar.

— Ótimo. — E parte da tensão de Danielle se esvai. — Ainda estou me fazendo de difícil.

Mordo o lábio para não rir. Danielle e Chase ainda não estão namorando, mas faz sentido os dois juntos: eles são bonitos como celebridades. Era só uma questão de tempo até eles namorarem. Então, não sei por que Danielle tem tanta vontade de manter isso em segredo. Até parece que ela foi discreta mais cedo, rindo, perseguindo Chase em círculos pela cozinha e tentando pintar o rosto dele com seu batom vermelho.

— Ele ainda não... pegou você? — Torço para que ela não me mate por causa da pergunta.

Mas é o seguinte: em Prescott, todos sabem que Danielle Oliver é... *era*... virgem, e não por ela ter divulgado publicamente o fato. É assim que as coisas funcionam por aqui. Nossa cidade perdida em Vermont é tão pequena que, mesmo que você não seja amigo de uma pessoa, ainda provavelmente sabe tudo a respeito dela. Quer dizer, estamos juntos — todos os sessenta estudantes do quarto e último ano do ensino médio — desde o ensino fundamental e, assim, os segredos tendem a saltar de aluno para aluno como uma brincadeira de telefone sem fio. E o fato de Danielle ter conseguido permanecer virgem por tanto tempo talvez seja a principal notícia de Prescott.

Eu também sou virgem, mas isso não é surpreendente o suficiente para ser notícia.

Conseguo perceber o momento certo em que Danielle decide me contar. Ela sorri, e o sorriso se espalha pelo seu rosto. Danielle fica tão

deslumbrante que sinto isso em meu peito. Seus olhos estão brilhando quando ela se vira para mim.

— Ok, então talvez ele tenha me pegado — ela diz. — Adivinha quem finalmente é uma mulher!

— Uau! — exclamo, subitamente incapaz de encontrar as palavras certas. — Quer dizer... Parabéns. Muito bem!

Não sei por que me transformei em um cartão de felicitações sem graça em vez de um ser humano real e em funcionamento. *Desejo-lhe tudo de melhor em sua jornada. Alcance as estrelas!* Provavelmente, Danielle não achou muito estranho o que eu disse, porque ela continua falando como se eu não tivesse aberto a boca.

— Nem doeu tanto assim. Ava me disse que desmaiou em sua primeira vez. Então, acho que eu estava esperando algo um pouco mais extremo. — Em seguida, Danielle lambe o dedo indicador e o passa sob os olhos para fixar o rímel. — Ava é *muito* dramática.

Se fosse Ava Adams neste banheiro, ela saberia exatamente o que dizer. Ava é a favorita de Danielle. Eu sou apenas aquela que Danielle tolera.

— Você gosta dele? — pergunto, bebendo as últimas gotas de cerveja que restavam no meu copo.

Danielle fica em silêncio por alguns instantes, provavelmente decidindo se vale a pena me dizer a verdade. Então, ela dá de ombros.

— Já era hora. Não acredito que fui virgem por tanto tempo. É vergonhoso.

Fico vermelha por causa da alfinetada. Ser virgem não deveria ser nada de mais — *eu sei disso* —, mas o fato de Danielle compartilhar o rótulo comigo sempre fez com que me sentisse um pouco melhor. Se Danielle Oliver faz alguma coisa, automaticamente corta cinco milhões de pontos da escala da vergonha.

Ava foi a primeira garota da nossa turma a perder a virgindade. Ela e Jason Ryder transaram no pátio de recreio, atrás do grande escorregador, na noite de formatura do ensino fundamental. Fiquei chocada quando soube. O sexo ainda era algo estranho para mim, uma coisa que as pessoas faziam nos filmes; e nem mesmo nos filmes a que eu assistia. Depois, outras garotas também começaram deixar de ser virgens: Molly Moye, com um dos melhores amigos do seu irmão mais velho; Jessica Rogers, com uma garota que conheceu nas férias de inverno; e minha amiga Hannah, com Charlie, seu namorado, no terceiro ano do ensino

médio. Eles passaram a noite na casa do lago dos pais dele e acenderam um monte de velas.

Ao ouvir essas histórias, as garotas que permaneciam virgens tinham muitas perguntas para as experientes. “Transar foi bom? Doeu? Como você soube o que fazer?” E Danielle agora fazia parte do segundo grupo.

Estamos no último ano do ensino médio, e as perguntas vêm chegando ao fim.

Neste momento, sou a única que restou.

Consigno ouvir o som grave pulsante da música no andar de baixo, um grito feminino, uma gargalhada estrondosa e o barulho de algo caindo no chão; talvez um copo de água ou uma luminária. Contraio-me, torcendo para que a mãe de Andrew não nos mate, porque, embora seja a casa e a festa dele, ela vai saber que estive aqui. Sempre estou aqui.

Danielle pega uma toalha de mão e limpa as manchas de batom em seu rosto. Faço menção de detê-la — a mãe de Andrew vai pirlar com uma toalha manchada, ainda mais depois de *algo* quebrado no andar de baixo —, mas não parece ser o momento. Ela se inclina para mais perto do espelho e se encara. Juro que a expressão dela é a de uma sábia; alguém que nunca mais se perguntará se um garoto gosta dela, nunca mais terá uma espinha enorme no meio do rosto. Danielle sempre foi uma garota muito confiante, mas agora parece que nada poderá detê-la.

Perto dela, ainda pareço ter doze anos, mesmo que a partir de hoje tenha oficialmente dezoito. Sempre fui ridiculamente baixa, mas pareço ainda menor neste momento, porque Danielle está usando esses saltos pretos e robustos, e eu estou de meias. Tirei minhas botas na porta de entrada, como deveríamos. Apalpo meu cabelo — loiro mais escuro do que o habitual porque não o lavei —, me xingando por pensar que um xampu a seco e um rabo de cavalo seriam adequados para uma festa. É como se eu estivesse me preparando para o fracasso.

Danielle franze os lábios.

— Será que pareço mais velha? — ela pergunta, movendo a cabeça de um lado para o outro para examinar seu reflexo de todos os ângulos. — Afinal, me tornei uma mulher, e estou me sentindo mesmo mais madura.

Não quero confessar para ela o que acabei de pensar. Assim, devolvo-lhe a pergunta:

— Eu pareço mais velha?

Sei que aniversários não mudam a gente por magia de um dia para o outro. No entanto, há uma parte de mim que quer se sentir como Danielle — como se nada pudesse me deter.

Ela me encara sem entender.

— Por que você pareceria mais velha, Keely?

Hoje Hannah levou para a escola *cupcakes* — de cuja receita Danielle reclamou que levava muito ovo — para comemorar o meu dia. Mas claro que ela não lembra.

— É meu aniversário.

De súbito, Danielle para de se mirar no espelho e se vira para mim.

— Opa, esqueci completamente! — Ela pega um emaranhado de cabelo. — Chase foi tão carinhoso esta noite... Ele sabia que era minha primeira vez e, então, não fez com pressa.

E assim voltamos a Chase. Acho que não posso culpá-la. Se eu tivesse acabado de perder a virgindade, talvez também não quisesse parar de falar sobre isso.

— Fico feliz por ter sido exatamente como você imaginou, Danielle. Há muitos idiotas na nossa escola. Que bom que você encontrou um cara legal.

— Eu sei. Chase Brosner... — Danielle toma a minha mão e me puxa até a porta, destrancando-a e a abrindo. — Não esqueça, isso nunca aconteceu.

Deixamos o banheiro juntas e descemos a escada. O ar está quente, apesar da neve que cai lá fora, e cheira a suor. Estamos quase ao pé da escadaria e aquilo começa.

Os aplausos.

Baixinhos inicialmente, acima do ruído da festa, da música que toca nos alto-falantes do celular de alguém. Mas aí, conforme mais pessoas nos notam, o volume aumenta. O pessoal para de falar, para de dançar, interrompe no meio beijos e amassos e passa a assobiar, a gritar e a aplaudir. Alguém pega o celular, e a música *Like a Virgin* de Madonna toma conta da sala.

Na escada, ao meu lado, Danielle não consegue se mexer.

Do outro lado da sala, Chase, com um sorriso sonolento, está esparramado no sofá com Jason Ryder e Simon Terst.

Simon se inclina para a frente, quase se contorcendo de animação.

— Nada mau, Brosner!

Jason Ryder toma um longo gole de cerveja e depois dá um tapa nas costas de Chase, tão forte que deve tê-lo machucado.

— Pelo jeito, ela não é *incomível* — ele diz, enrolando a língua.

Danielle permanece paralisada no lugar, um salto pairando acima do próximo passo.

— Danielle? — sussurro, agarrando seu braço. — Você está bem?

Como todos descobriram tão rápido? Não ficamos no banheiro por mais de dez minutos. Chase anunciou no instante em que desceu a escada? Talvez ele tenha dito para Jason Ryder, e o idiota abriu o bico.

— Estou bem — Danielle balbucia, mas sua mão agarra a minha e a aperta por apenas um instante antes de afastá-la. Ela respira fundo e estende os dedos trêmulos para alisar o cabelo. Em seguida, Danielle se curva em uma reverência.

O povo vai à loucura.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2020